



Tahar Rahim, de 'O Profeta', interpreta o bardo da canção romântica da França: 'Monsieur Aznavour' vendeu 2 milhões de ingressos desde a estreia

Para sempre Aznavour

Campeão de bilheteria na França, cinebiografia do rouxinol franco-armeno se espalha Europa adentro com Tahar Rahim em atuação seminal, em trama que revê ícones como Edith Piaf e Charles Trenet

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Com 2 milhões de ingressos vendidos ao longo dos três meses de sua carreira comercial nas salas de projeção francesa, "Monsieur Aznavour" inicia agora uma trajetória pelas telas do Velho Mundo – já com as Américas no radar – com fôlego para renovar a rentabilidade do cinema europeu planeta adentro. O ator Tahar Rahim, revelado em 2009 com "O Profeta", é seu protagonista e soma novos elogios a cada pouco

dessa produção baseada nos feitos e no canto de Shahnur Vaghinak Aznavourian (1924-2018), celebrizado entre nós como Charles Aznavour.

Na direção, a dupla de cineastas Mehdi Idir e Grand Corps Malade, responsáveis também pelo roteiro, acompanham a transformação de um jovem de origem armênia sem eira nem beira num ídolo mundial, sob os acordes de hits que ganharam tímpanos, via rádio, numa escala planetária. "La Bohème" e "Emmenez-moi" estão entre as baladas mais famosas de uma trilha que faz plateias suspirarem.

Numa interpretação comovente, o próprio Rahim canta "Les Comédiens", "Mé Qué Mé Que" e "Trousse Chemise".

Aznavour em pessoa facilitou a vida dos realizadores e do astro. Além de ter emprestado seu carisma a François Truffaut (em "Atirem No Pianista") e Atom Egoyan ("Ararat"), ele filmou-se muito, não num ato de vaidade, mas num empenho de inventariar suas andanças e conquistas para que as intolerâncias de um continente assolado pela xenofobia não apagassem tudo o que experimentou. Por isso, entre viagens pela África, a Ásia e os

EUA, em meio a amores que vão e amadas que ficam, no fluxo do reencontro com suas origens na Armênia, o rouxinol francófono sempre teve uma filmadora consigo. Registrou, ao longo de 34 anos, os bastidores de uma vida dedicada ao prazer de cantar... e à arte de saber viver. Esses registros foram feitos numa câmera Paillard-Bolex recebida como um presente na época em que se apresentava com Édith Piaf (1915-1963). A diva da voz está em "Monsieur Aznavour", interpretada por Marie-Julie Baup. Outro canário belga da França, Charles Trenet (1913-2001), aparece em cena também, vivido por Dimitri Michelsen.

A maior parte desse material filmado por Aznavour foi reunido e decantado pelo cineasta Marc di Domenico, na década passada. Reunidos e analisados frame a frame, eles se tornaram a argamassa de um (belo) documentário, lançado na Europa em 2019. Num gesto de generosidade digna de grandes artistas, Marc definiu "Le Regard de Charles" como "um filme de Aznavour realizado por Domenico".

Em 2017, Aznavour veio ao Brasil para um par de shows, realizados em São Paulo (no Espaço das Américas) e no RJ (no Vivo

Rio). Na ocasião, ele concedeu uma entrevista ao Correio da Manhã, na qual refletiu sobre sua longa aposta nas melodias de "Que C'est Triste Venise" e "Et Pourtant". Poucos antes, em 2015, lançou seu último álbum, "Encores", com faixas de dar nó na melancolia como "Des Ténèbres À La Lumière", "Et Moi Je Reste Là" e "Mon Amour Je Porte En Moi".

"Passei toda uma vida a cantar aquilo que os corações desejam, numa mistura do que poderia ser combativo com hinos românticos", disse Aznavour numa de suas últimas entrevistas, dada ao Correio há cerca de sete anos. "Desde o início da década de 1950, quando gravei meu primeiro álbum, o meu repertório se construiu sob a certeza de que você não pode impor uma tendência ao público. Um sucesso se cria pelo gosto e pelo afeto das multidões. Se não for assim, nenhuma canção se immortaliza. Com frequência, as minhas canções que melhor foram aceitas falam de romantismo, como 'She' ou 'Venecia Sin Ti'. Elas traduzem o benquerer. Neste mundo cínico e materialista em que vivemos, os sentimentos ainda são capazes de tocar as pessoas. A arte povoa a minha cabeça para expressar emoções".